

INVESTIGAÇÕES SOBRE LINGUA[GEM] SITUADA - 1

INVESTIGAÇÕES SOBRE LINGUA[GEM] SITUADA

1. SITUAR A LINGUA[GEM]

Inês Signorini [org.], Kanavillil Rajagopalan, Edwiges Morato, Lorenza Mondada, Jan Blommaert

2. [RE]DISCUTIR TEXTO, GÊNERO E DISCURSO

Inês Signorini [org.], Anna Christina Bentes, Renato Cabral Rezende, Evando Nascimento, Lucia Santaella, Roxane Rojo, Dominique Maingueneau, Flávia Biroli, Christian Ingo Lenz Dunker

INÊS SIGNORINI (ORG.)

SITUAR A

Kanavillil Rajagopalan
Edwiges Morato
Lorenza Mondada
Jan Blommaert

lingua[gem]

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

FOTO DA CAPA: *Tuomas Pekkarinen - stock.xchng®*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S 637

Situar a lingua[gem] / Inês Signorini (organizadora) ; Kanavillil Rajagopalan... [et al.]. - São Paulo : Parábola Editorial, 2008. 160p. -(Investigações sobre lingua[gem] situada ; 1)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-83-9

1. Lingüística. 2. Linguagem e línguas. I. Signorini, Inês. II. Série.

08-2434.

CDD: 410

CDU : 81'1

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-83-9

© do texto: Inês Signorini et alii, 2008

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, junho de 2008

SUMÁRIO

- 7 APRESENTAÇÃO**
Inês Signorini
- 15 LINGUAGEM — O SANTO GRAAL DA LINGÜÍSTICA**
Kanavillil Rajagopalan
- 39 DA NOÇÃO DE COMPETÊNCIA NO CAMPO DA LINGÜÍSTICA**
Edwiges Maria Morato
1. INTRODUÇÃO, **39**
 2. A NOÇÃO DE COMPETÊNCIA NO CAMPO LINGÜÍSTICO: O MODELO FUNDADOR E SEUS AVATARES, **42**
 3. A NOÇÃO DE COMPETÊNCIA EM OUTROS CAMPOS TEÓRICOS, **50**
 4. DA IDÉIA DE COMPETÊNCIA NATURAL À IDÉIA DE COMPETÊNCIA COMO PRÁTICA, **59**
 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, **63**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, **65**
- 67 RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO, LINGUAGEM, INTERAÇÃO E COGNIÇÃO: UMA PERSPECTIVA PRAXEOLÓGICA**
Lorenza Mondada
1. PROBLEMÁTICA GERAL, **67**
 2. ESPACIALIDADES, **68**
 - 2.1. *A estruturação do espaço na linguagem*, **69**
 - 2.2. *A espacialidade das representações e das práticas de inscrição*, **73**
 - 2.3. *Espaço interacional e ancoragem espacial da organização da interação*, **77**
 3. CONSEQÜÊNCIAS PARA AS CONCEPÇÕES DA COGNIÇÃO NA LINGUAGEM E NA INTERAÇÃO, **82**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, **86**

91 CONTEXTO É/COMO CRÍTICA

Jan Blommaert

DUAS CONCEPÇÕES CRÍTICAS DE CONTEXTO, **93**

O contexto como pano de fundo: análise crítica do discurso, 93

A fala dentro-e-fora da interação: análise da conversação, 97

TRÊS CONTEXTOS ESQUECIDOS, **101**

Recursos como contextos, 102

Trajetórias de textos, 107

Histórias dos dados, 110

CONCLUSÃO, **112**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, **114**

117 METAPRAGMÁTICAS DA LÍNGUA EM USO: UNIDADES E NÍVEIS DE ANÁLISE

Inês Signorini

1. INTRODUZINDO A QUESTÃO: O “ESQUELETO EXTERNO”

DA LÍNGUA EM USO, **117**

1. 2 Um “esqueleto” de função estruturante, mas apreendido de forma indireta, 122

2. FOCANDO ESTRUTURAS E PROCESSOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS DE FUNÇÃO METAPRAGMÁTICA, **132**

2.1 Reflexividade lingüístico-discursiva e função metapragmática, 133

2.2 Indexicalidade semiótica e funcionamento metapragmático, 136

2.3 Consciência metapragmática e ‘luta metadiscursiva’ na interação social, 140

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS, **143**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, **146**

149 OS AUTORES

APRESENTAÇÃO

Este é o primeiro volume do díptico *Investigações sobre lingua[gem] situada*, que pretende contribuir para as discussões em curso no Brasil, desde a década de 1990, sobre transdisciplinaridade e reflexão crítica no campo aplicado dos estudos da linguagem.

O primeiro volume, intitulado *Situar a lingua[gem]*, reúne trabalhos voltados para a discussão do que se pode/deve compreender por lingua[gem] situada no mundo social a partir e em função de tradições e perspectivas de investigação diferenciadas, embora convergentes em diferentes níveis e graus; o segundo volume, intitulado *[Re]discutir texto, gênero e discurso*, reúne trabalhos voltados para a discussão de questões específicas relacionadas a esses três objetos de interesse de diferentes disciplinas, tradições e perspectivas contemporâneas dos estudos da linguagem. São diversificados os percursos de investigação contemplados pelo conjunto dos trabalhos que compõem o díptico, em função também de diferenças de orientação disciplinar e teórica na condução das discussões.

Os trabalhos que compõem este volume foram produzidos por acadêmicos filiados a diferentes disciplinas e instituições no país e no exterior e têm em comum o enfrentamento de questões teórico-metodológicas surgidas com a focalização da lingua[gem] situada, ou seja, não descolada de contextos de uso e práticas específicas de interação social. Tal enfrentamento promove percursos de investigação que, em diferentes níveis e graus, são transversais a campos disciplinares e tradições específicas e não excluem a indecidibilidade e a incompletude como elementos constitutivos, e não residuais, de toda investigação mais atenta às realidades lingüístico-discursivas do mundo contemporâneo.

A dimensão transdisciplinar desses percursos é fruto das necessidades e das (im)possibilidades que foram sendo criadas e/ou detectadas ao longo dos caminhos de pesquisa e não um traço unificador apriorístico dos estudos apresentados. Dentre essas necessidades e (im)possibilidades, são de particular interesse, no caso dos estudos aqui reunidos, as relacionadas aos construtos língua[gem], competência lingüística, variação lingüística e contexto, produzidos pela ciência lingüística dos séculos XIX e XX, quando confrontados, por um lado, com a multiplicidade, a heterogeneidade e o dinamismo de contextos e práticas socioculturais contemporâneos, associados às transformações dos instrumentos e práticas de pesquisa sobre língua[gem] no mundo social; e, por outro lado, com as indagações de natureza epistemológica, ética e estética do pensamento científico pós-popperiano.

No primeiro capítulo, intitulado “Linguagem — o santo graal da lingüística”, Kanavillil Rajagopalan, autor filiado à pragmática lingüística, traz para exame e discussão as dimensões social, histórica e ideológica do objeto língua produzido pela ciência lingüística dita clássica, ou seja, a que compreende o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskiano, passando, como insiste o autor, pelo positivismo lógico do estruturalismo bloomfieldiano, de grande influência na tradição norte-americana e, em consequência, na lingüística praticada no Brasil. E essa influência é determinante, segundo o autor, para o apagamento sistemático dessas três dimensões no discurso científico sobre a língua, como condição mesma de sua cientificidade, ou seja, de sua diferença constitutiva em relação ao discurso leigo ou de senso comum, o que acaba fazendo com que a língua que interessa ao lingüista não seja a mesma que interessa ao falante comum. Como mostra o autor, mesmo quando parecem dizer a mesma coisa, significam coisas diferentes: para o lingüista, a língua é um objeto abstrato e genérico — uma “gramática” —, enquanto para o falante leigo é um objeto específico e concreto — uma “gramática” não desvinculada de uma “retórica”, ou seja, correção formal não desvinculada de fatores como adequação, valor relativo, legitimidade etc. Os desdobramentos disso são inconsistências, apontadas pelo autor, no estudo lingüístico da interação social.

A principal contribuição desse capítulo está em problematizar a equivalência, muitas vezes tácita nos estudos lingüísticos, entre esses

dois objetos — o abstrato e genérico da teoria lingüística, e o concreto específico ou situado dos usos sociais — e em mostrar como e por que apontam para mundos e saberes diferenciados e até incomensuráveis, mas que poderiam/deveriam, segundo o autor, se fertilizar mutuamente. E esse é o desafio que tem trazido Rajagopalan aos estudos lingüísticos contemporâneos desde o início dos anos 2000, em diferentes ocasiões¹.

No capítulo seguinte, intitulado “Da noção de competência no campo da lingüística”, Edwiges M. Morato, autora filiada à neurolingüística, busca responder à questão dos significados adquiridos pela noção de competência no campo dos estudos lingüísticos, desde a proposta inaugural chomskiana da competência enquanto capacidade ou faculdade inata, mental e intuitiva do falante, até as discussões “externalistas” posteriores, envolvendo perspectivas pragmáticas, sociológicas, discursivas e também cognitivistas. Defendendo a idéia de que as críticas feitas ao modelo inatista desde Hymes não abalam as bases epistemológicas do modelo chomskiano, notadamente a distinção entre o uso social da língua e o sistema gramatical internalizado do falante, a autora retoma e articula contribuições de diferentes autores em suas tentativas de ressignificar a noção de competência, chamando a atenção para a falta de congruência entre elas e para a conseqüente pluralidade de “competências” surgidas em função de perspectivas e “universos discursivos” também plurais.

Convencida da necessidade de “uma perspectiva fortemente interacional da relação entre linguagem, cognição e mundo social” como alternativa às que, em última análise, apenas multiplicam as competências complementares à competência lingüística chomskiana, a autora reafirma o papel de uma “ordem mental” no “uso ou emprego da língua” pelo falante, mas compreendido numa perspectiva sociocognitiva e lingüístico-interacional, ou seja, centrada no estudo empírico da interação e das práticas sociais. Nessa perspectiva, a competência é imbricação entre atividade cognitiva individual e interação coletiva, envolvendo, segundo a autora, o exercício de diferentes capacidades

1. A esse respeito, cf. as discussões do autor reunidas em Fábio Lopes da Silva e Kanavillil Rajagopalan (eds.), *A lingüística que nos faz falar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

sociocognitivas e lingüístico-interacionais do falante, como a de enunciação, a de interação e também a de reflexão sobre a língua[gem] em uso. A principal contribuição desse capítulo está em problematizar a complementaridade de muitas das noções externalistas de competência e trazer para indagações futuras a questão dos contextos empíricos de emergência da competência nos termos propostos pela autora.

Voltada para o estudo das “Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica”, Lorenza Mondada, autora filiada à análise conversacional de orientação etnometodológica, propõe no capítulo seguinte uma “abordagem praxeológica” do espaço e da cognição na interação social. O que significa dizer que ela não compreende o espaço como objeto de discurso, ou seja, como objeto lingüisticamente descrito e representado, ou ainda como pano de fundo ou moldura para a ação sociointeracional. Busca compreendê-lo como um recurso para a organização e o planejamento das ações dos interactantes, isto é, um recurso que tanto as condiciona e configura quanto é condicionado e configurado por elas no curso da interação. Nesse sentido, o espaço é compreendido mais como uma dimensão — a espacialidade —, materialidade constitutiva da língua[gem] em uso no mundo social, ou seja, da língua[gem] local e relacionalmente situada.

No intuito de melhor dimensionar o interesse desse modo de compreender a questão para as discussões contemporâneas sobre as relações entre linguagem, cognição e interação social, a autora retoma e articula contribuições de diferentes orientações e disciplinas de forte base empírica que, desde os anos 1970, têm modificado as concepções da cognição na linguagem e na interação, desde os estudos sobre o funcionamento de recursos multimodais e de espaços de inscrição de corpos e objetos na ecologia da ação lingüístico-interacional, até os estudos sobre a materialidade do contexto sociocultural como um elemento estruturante da ação nas práticas sociointeracionais. É uma contribuição importante desse capítulo a problematização de toda concepção abstrata e genérica do espaço e da cognição na interação social, a partir de expansões e deslocamentos teórico-metodológicos relacionados a práticas de pesquisa não desvinculáveis das tecnologias mais recentes

de observação e registro de ações sociointeracionais em condições naturais. Um estudo mais aprofundado do papel estruturante dessas tecnologias nas práticas científicas de análise lingüístico-interacional pode ser, portanto, de grande relevância, a exemplo dos estudos já desenvolvidos sobre práticas científicas em outras áreas do conhecimento².

O capítulo seguinte aborda a questão dos modos de compreensão e tratamento do conjunto de variáveis comumente designadas por contexto no exercício de análise do discurso de duas influentes “escolas” anglo-saxãs de vocação crítica, a da ACD (Critical Discourse Analysis) européia e a da AC (análise da conversação) norte-americana, tradicionalmente vistas no Brasil como tendo pouco em comum, quando não como incompatíveis, na medida em que somente a primeira, desenvolvida sobretudo por Fairclough e seguidores, costuma ser reconhecida como uma vertente da área ou disciplina análise do discurso. Mas conforme defende Jan Blommaert, autor filiado à sociolingüística crítica, em “Contexto é/como crítica”, essas são duas vertentes cujo interesse crítico comum reside na ênfase que dão às relações entre discurso e sociedade, mais especificamente, entre discurso e estrutura social, quando examinam o lingüístico, seja na conversação, na fala ou no texto.

Apontando inconsistências e insuficiências no tratamento dado ao contexto por essas duas correntes — contextualização apriorística, simplificação e generalidade, no caso da ACD; textualização da fala, redução do contexto a aspectos interacionais observáveis e demonstráveis, no caso da AC —, o autor se propõe a recuperar a preocupação crítica fundamental com o poder e a desigualdade e com a integração entre discurso e sociedade através do exame de três formas de “contextos esquecidos”, isto é, geralmente ignorados em estudos críticos do discurso, mas que, segundo ele, situam o discurso profundamente na estrutura social e em processos sociais. Utilizando dados de um projeto de análise de narrativas autobiográficas de africanos em busca de asilo na Bélgica, examina recursos lingüísticos em economias de comunicação e textualização mais amplas, “trajetórias de textos” através de diferentes

2. Cf., por exemplo, os trabalhos de Latour e Lynch citados por Mondada em seu capítulo.

contextos, e “histórias de dados” de pesquisa como formas de contextos a serem consideradas pelo analista crítico do discurso. A principal contribuição desse capítulo está em apontar possibilidades de grande potencial crítico, como insiste o autor, de fertilização mútua entre análise do discurso e outras disciplinas, notadamente a sociolinguística e a etnografia, sem, contudo, visar a qualquer síntese, integração ou equivalência entre elas.

Também focado nas relações entre o lingüístico-discursivo e as ações interacionais no mundo social, o capítulo seguinte focaliza as “Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise”. Nesse capítulo, Inês Signorini, autora filiada à lingüística aplicada de orientação etnográfica, focaliza a questão teórico-metodológica das unidades e níveis de análise de processos de re/con/textualização do lingüístico-discursivo que melhor iluminem os componentes metapragmáticos que os constituem. Por componentes metapragmáticos são compreendidas as estruturas e processos socioculturais de natureza lingüístico-discursiva e político-ideológica que tanto descrevem e avaliam quanto condicionam e orientam os usos da língua na interação social, oral ou escrita. Conforme defende a autora, as metapragmáticas da língua em uso num dado espaço/tempo não se restringem às regulamentações institucionalizadas e são sempre heterogêneas e dinâmicas em diferentes graus, uma vez que resultam da “sinergia de um aglomerado de fatores inter-relacionados”, descritos ao longo do texto. Utilizando dados de uma entrevista de pesquisa com agricultores do interior paraibano, examina o potencial crítico dos processos de re/con/textualização das ações sociointeracionais, orais ou escritas, ao permitirem aos interactantes, e também ao analista, uma melhor apreensão das “circunstâncias contextuais” tornadas relevantes em cada situação; inclusive as estruturas e processos de função metapragmática implícita ou não tematizada, em suas relações com as disputas de natureza política e ideológica na descrição e regulamentação dos usos lingüísticos, eventualmente em curso no mundo social.

A relação estabelecida entre consciência metapragmática e subjetivação política na interação social é uma contribuição relevante desse capítulo, na medida em que aponta para a reflexão metalingüística

e metacomunicativa dos interactantes como componente essencial do estudo crítico das práticas sociointeracionais. Nesse sentido, é relevante o foco nos aspectos processual, dinâmico e tenso das metapragmáticas da língua em uso em situações de marcada assimetria sociocultural e lingüística, o que também pode ser de grande interesse para as investigações sobre educação lingüística de vocação crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os autores que se dispuseram a contribuir para a composição deste volume, especialmente aos que aderiram ao projeto no seu início e aguardaram o seu desenvolvimento ao longo dos três últimos anos. Agradeço também aos colegas e alunos que contribuíram com as traduções dos originais em língua estrangeira.

INÊS SIGNORINI

Campinas, 20 de junho de 2008